

POLIFONIA E ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DOS ENUNCIADOS

Giovana Reis LUNARDI
Universidade de Passo Fundo

RESUMO: A produção deste artigo visa a uma investigação sobre a Teoria Polifônica da Enunciação (DUCROT, 1987, 1988) partindo de seu vínculo com o que foi definido como polifonia por Bakhtin (1929) – uma “multiplicidade de vozes”. Após o constructo teórico, dar-se-á a aplicação dos conceitos relativos à polifonia, sendo enunciador, locutor, encenação e pressuposição nos enunciados presentes em duas charges de cunho político. Nas charges serão identificados os enunciadores e as posições tomadas pelos locutores com suas conseqüentes orientações argumentativas. Tal estudo permite perceber a construção do sentido argumentativo e demonstrar possíveis máscaras ou pontos de vista dos enunciadores.

1 INTRODUÇÃO

Nesse artigo pretende-se apresentar em linhas gerais a Polifonia da maneira que é proposta pelo semanticista francês Oswald Ducrot (1987, 1988) no decorrer de seus estudos, fazendo-se um recorte de duas obras principais. Essa teoria é relevante ao estudo do enunciado e da enunciação na medida em que se busca o sentido do discurso construído pelo *locutor* e pelos *enunciadores*; demonstrando conforme os preceitos da ANL que a argumentação deve ser linguisticamente descrita.

O objetivo de investigar e apresentar de maneira sucinta a noção de polifonia, a partir do capítulo VIII do livro *O Dizer e o Dito* (Ducrot, 1987),

intitulado “Esboço de uma teoria Polifônica da Enunciação” e do capítulo “La polifonía en lingüística”, o primeiro da obra “Polifonía y Argumentación” (Ducrot, 1988), que são os dois momentos em que a teoria é postulada, visa à compreensão e demonstração de sua importância para a descrição do enunciado e seu sentido. A primeira parte do artigo apresenta a fundamentação teórica relacionada ao conceito de polifonia, como ele surgiu e quais suas características, no segundo subtítulo os conceitos serão aplicados aos enunciados presentes em duas charges de cunho político. Tal estudo permitirá perceber a construção do sentido argumentativo e demonstrar possíveis máscaras persuasivas, ou, os pontos de vista dos enunciadores e a maneira que o locutor se relaciona com eles, através da orientação polifônica dos enunciados. A Teoria Polifônica da Enunciação põe em cena enunciadores que tomam posições diferentes frente à significação do enunciado, isso faz com que haja um jogo de possíveis sentidos. Para analisar as charges serão primeiramente identificados os enunciadores e descritas as posições que o locutor tem em relação a eles. Posteriormente será observado na análise do corpus o sentido argumentativo, expresso com o auxílio dos conectores *donc* (DC) e *pourtant* (PT), para que possa ser feita a descrição do movimento argumentativo dos enunciadores, entretanto não serão formados os Blocos Semânticos, conforme a TBS postulada por Marion Carel (1992/1995).

2 A ANL E O ESTUDO DA POLIFONIA

A Teoria da Argumentação na Língua (ANL) tem seu surgimento marcado pela publicação do livro *L'argumentation dans la langue*, de Jean Claude Anscombe e Oswald Ducrot em 1983. A ANL conta com três fases no seu desenvolvimento: a primeira fase: forma *standard* (1983); a segunda fase: a Teoria dos *Topoi* e a Teoria Polifônica da Enunciação (1990) e a fase atual: a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) (a partir da tese de Marion Carel de 1992). Trata-se de uma teoria que explica o sentido argumentativo dos

enunciados, de maneira estruturalista¹. Para Ducrot (1988) *a argumentação está na língua e o valor argumentativo é o nível principal da descrição semântica, além de consistir no papel desempenhado pela palavra no discurso.*

Primeiramente para contrariar o axioma da *unicidade do sujeito* falante é que o semanticista francês desenvolveu a Teoria Polifônica da Enunciação, postulando a existência de vários sujeitos no mesmo enunciado, denominados de enunciadore. É no capítulo VIII do livro *O Dizer e o Dito* (1987), intitulado “Esboço de uma teoria Polifônica da Enunciação” que Ducrot menciona pela primeira vez essa crítica à unicidade do sujeito, o que vai nortear os preceitos da polifonia.

O capítulo da célebre obra “Polifonía y Argumentación”, intitulado “La polifonía en lingüística” explica, de maneira clara, parte da noção de polifonia para a lingüística segundo Oswald Ducrot (1988). Partindo da origem que a refere como uma composição musical na qual se sobrepõe partituras, aplicada à Literatura por Bakthin, que a dividiu em *dogmática e polifônica* ou ainda *carnavalesca*. A dogmática seria uma literatura na qual há somente a voz do autor ou que este julga vários personagens, fazendo o leitor escutar uma voz dizendo o que deve pensar de cada personagem. Já na literatura polifônica ou carnavalesca (também chamada de popular) há vários personagens que se apresentam por si mesmos, como as máscaras de carnaval. O autor não dá a entender o seu ponto de vista, ou seja, os personagens se confrontam, Bakthin (1986/1995²) defende que o melhor exemplo de literatura polifônica é a obra de Dostoiévski, a polifonia estaria ligada ao conceito pilar de Bakhtin que toma a linguagem como uma manifestação *dialógica*, pois na interação verbal sempre há diálogo e várias vozes. É partindo dessa teoria que Ducrot (1988, p. 16) propõe adaptar o conceito de polifonia à análise lingüística dos enunciados; para ele um autor põe em cena vários personagens quando produz o enunciado. O sentido do enunciado resultaria da confrontação dessas diferentes vozes.

¹ Ao utilizar essa expressão sabe-se que a ANL vincula-se em termos de conceitos de base, diretamente com Ferdinand de Saussure e a noção de que o sentido de um enunciado (um signo para o genebrino) é oriundo da relação entre dois segmentos, ou seja, a interdependência semântica dos enunciados.

² *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

O teórico principia a desenvolver a teoria da polifonia conceitualizando diferentes funções do sujeito falante, ou seja, as vozes presentes no enunciado, sendo: *o sujeito empírico (SE), o locutor (L) e o enunciador*. O (SE) é o produtor do enunciado, que para Ducrot (1988, p.17) não interessa muito, uma vez que *o linguista semanticista deve preocupar-se com o sentido do enunciado, é dizer, deve descrever o que diz o enunciado, o que ele comporta*.³ Já o locutor é o responsável pela enunciação, quem fala/produz o enunciado no momento da enunciação.⁴ Os enunciadores são os personagens que, no teatro representado pelo enunciado assumem diferentes pontos de vista. O semanticista explica:

Chamo 'enunciadores' estes seres que são considerados como se expressando através de palavras precisas; se eles 'falam' é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras. [...] Direi que o enunciador está para o locutor assim como a personagem está para o autor. (DUCROT, 1987, p. 192)

A encenação dos personagens/enunciadores é, no sentido teatral, a representação dos diferentes pontos de vista no interior do discurso, permitindo que se tirem consequências de uma asserção sem a responsabilidade ser atribuída por (L) diretamente, mas sim a outro enunciador. É a diversidade de pontos de vista que podem conter no enunciado que recebe a denominação de polifonia. Desse modo, é na função do *enunciador* que se delineiam as ideias sobre a polifonia, segundo Ducrot (1988, p. 19-20):

[...] todo enunciado apresenta um certo número de pontos de vista relativos às situações das quais se fala. [...] Descrever o sentido de um enunciado consiste, a meu juízo, entre outras coisas, em responder a diversas perguntas: o enunciado contém a função locutor?, a quem se atribui essa função?, quais são os diferentes pontos de vista expressados, é dizer quais são as diferentes funções de enunciador presentes no enunciado?, a quem se atribui eventualmente essas funções?⁵ (DUCROT, 1988, p. 19-20):

³ “[...] el linguista semanticista debe preocuparse por el sentido del enunciado, es decir, debe describir lo que dice el enunciado. (Tradução minha)

⁴ Ambos são diferentes, Ducrot explica que com frequência é um personagem fictício a quem o enunciado atribui a responsabilidade pela enunciação. Atribuir a fala a seres que são incapazes de falar é uma mostra da diferença L/SE. Como por exemplo, estampas de camisetas com frases ou provérbios, onde não há um L, mas há um SE e enunciadores.

⁵ “[...] todo enunciado presenta un cierto número de puntos de vista relativos a las situaciones de las que se habla. [...] Describir el sentido de un enunciado consiste, a mi juicio, entre otras cosas, en responder a diversas preguntas: ¿el enunciado contiene la función locutor?, ¿a quién se le atribuye esta función?, ¿a

A partir dessas respostas é que se pode fazer a descrição polifônica de um enunciado e, por conseguinte, a descrição dos sentidos evocados pelos enunciadores. “Dar o significado de uma expressão é associar-lhe diferentes argumentações que são evocadas por seu emprego” (Ducrot, 2008, p. 10). Tal concepção de significação relaciona-se com a descrição polifônica, no que diz respeito à natureza dos “pontos de vista” associados aos enunciadores.

Os enunciadores, que manifestam a polifonia, também citados no capítulo “La polifonía en lingüística” são as *origens dos pontos de vista que se apresentam no enunciado*, (Ducrot, 1988, p.20), eles manifestam suas posições através da enunciação, mas não existem no sentido material. Uma das maneiras utilizadas para exemplificar a presença dos enunciadores, segundo a teoria, é através das noções de *humor*, *ironia* e *negação*. O *humor* seria composto por um ponto de vista absurdo que não é atribuído ao locutor e a ele o locutor não se opõe. Um enunciado humorístico pode qualificar-se de irônico quando ataca uma pessoa a quem se atribui o ponto de vista absurdo. Na ironia também há presença de polifonia, pois ao falar de maneira irônica diz-se A para levar a entender não-A. Ducrot (1988), em sua primeira conferência ministrada em Cali, falando da *Polifonia em Lingüística* apresenta uma noção de humor, qualificando de humorístico um enunciado que cumprem as três condições seguintes:

1. Entre os pontos de vista representados em um enunciado há pelo menos um que seja obviamente um *absurdo*, insustentável mesmo no contexto;
2. O ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor e,
3. No enunciado não há nenhum ponto de vista oposto ao ponto de vista absurdo.

Ducrot ainda explica que, entre os enunciados humorísticos, chamará de “irônicos” aqueles em que o ponto de vista absurdo é atribuído a um personagem determinado que se busque ridicularizar.

quién se asimila el locutor?, ¿cuáles son los diferentes puntos de vista expresados, es decir, cuáles son las diferentes funciones de enunciador presentes en el enunciado?, ¿a quién se atribuyen eventualmente estas funciones? (DUCROT, 1988, p. 19-20)

A *negação*⁶ ocorre quando alguém enuncia uma frase negativa, não-P, na qual se expressam pelo menos duas vozes; um enunciador E1 que expressa o ponto de vista P e outro E2 que dialoga dizendo não-P. É por isso que o enunciado negativo é considerado uma *pequena obra de teatro*, na qual dois personagens, que Ducrot (1988) chama de enunciadores, apresentam um diálogo. No artigo intitulado “*Descrição Argumentativa e Descrição Polifônica: caso da negação*”, Ducrot e Carel (2008) retomam as atitudes do locutor frente aos enunciadores, além de mostrarem a análise polifônica da negação posta na atual fase da ADL, ou seja, a TBS proposta por Carel (1992, 1995) diante noções de base – por exemplo, a distinção entre “argumentação interna” e “argumentação externa”. Esse artigo é importante para o estudo da negação e também da polifonia.

Ao investigar o que a fala, *segundo o próprio enunciado, faz*, Ducrot (1987) menciona como ponto importante os *efeitos da enunciação* ou ainda, denominadas as *imagens da enunciação* veiculadas ao enunciado, uma vez que é o enunciado observável, diferente da frase, que é um objeto teórico. Os pares frase/enunciado e significação/sentido são entendidos como sendo a significação a caracterização da frase e o sentido a caracterização semântica do enunciado, na medida em que é uma descrição da enunciação. (Ducrot, 1987, p. 170) o enunciado possui uma força ilocutória. Assim, a teoria apresentada aqui é enunciativa, estuda as marcas do enunciado.

Outra noção de base e fundamental à ANL é de *pressuposição*, o enunciado apresenta uma asserção posta e uma pressuposta. O *posto* corresponde ao que está dito no enunciado, de exclusiva competência do locutor, já o pressuposto possibilita ao locutor dizer implicitamente algo, recorrendo ao interlocutor para, juntos, interpretarem o que foi dito. O pressuposto é constitutivo do enunciado, ele levou ao conceito de *polifonia* propriamente dito.

Retomado, em decorrência da noção de polifonia, o conceito de sujeito (contrário à unicidade) é dividido em três entidades: o **locutor**, o eu do discurso, aquele que é responsável pelo enunciado; o **sujeito empírico**, ser

⁶ São descritos vários tipos de negação nas obras até então referidas, mas não é a intenção aqui deter-se a eles.

real, material, pertencente ao mundo extralinguístico; e os **enunciadores**, seres responsáveis pelos pontos de vista presentes no discurso. Assim os conceitos relativos à polifonia, sendo *enunciador, locutor, negação, encenação e pressuposição*, constroem as possibilidades de compreensão do enunciado.

3 ANÁLISE POLIFÔNICA DE CHARGES POLÍTICAS

Apesar de ser conhecida a importância do estudo dos gêneros discursivos, a partir das primeiras definições dadas por Bakhtin não é intenção aqui detalhar noções sobre. Tem-se clareza que o *corpus* elegido é formado por um gênero discursivo (charge), com características e suportes próprios.

Para fazer uma análise polifônica é preciso primeiramente identificar os pontos de vista no enunciado, identificar a posição de L com relação aos enunciadores. Como no enunciado que Ducrot menciona como exemplo:

(A) Pedro parou de fumar

E1 Pedro fumava antes. (pressuposto que é constitutivo do enunciado)

E2 Pedro não fuma atualmente. (posto)

Nota-se que o locutor põe dois enunciadores em cena, que Pedro fumava e que não fuma, (L) concorda com E1, mas identifica-se ou, assume E2.

Como já mencionado, nesse subtítulo serão analisados os enunciadores que a os locutores das charges põe em cena as posições tomadas pelos locutores para identificar os sentidos delas, porque “[...] assumir um enunciador (E) é atribuir à enunciação impor o ponto de vista desse enunciador [...] o que o locutor procura impor é o ponto de vista da personagem à qual o enunciador é assimilado” (Ducrot, 2008, p. 08). A metodologia a ser seguida para a análise do *corpus* consiste na:

1. Identificação dos pontos de vista dos enunciadores;
2. Verificação da posição assumida pelo locutor em relação aos enunciadores, sendo que (L) identifica-se ou assume, opõe-se ao ponto de vista e pode também concordar.

3. Averiguação da maneira como o sentido é produzido a partir do cotejamento entre os enunciadores.

A relação entre (L) e os (E) será estabelecida lado a lado, na medida em que se põe o enunciador está posta também a posição do locutor. O primeiro enunciado apresenta o presidente Luis Inácio Lula da Silva como locutor (não é o sujeito empírico), diante de uma poça d'água na qual um cidadão afoga-se, há um título, "Lula pede paciência ao Brasil" e ele diz: "**Calma companheiro, estamos arrumando o Brasil**". Os pontos de vista manifestados pelos enunciadores (ou as vozes que se ouve) são:

E1 O companheiro está nervoso. (L) concorda.

E2 O Brasil precisa ser arrumado, reformado. (L) concorda.

E3 Não estamos arrumando o Brasil. (L) *opõe-se*.

E4 É preciso ter paciência/calma para ver o Brasil arrumado. (L) concorda.

E5 O brasileiro é chamado por Lula de companheiro. (L) *identifica-se e assume*.

Nota-se que (L) identifica-se com mais de um enunciador para compor sua enunciação, construindo assim o sentido do enunciado que, diante da situação social brasileira pede ao brasileiro que tenha paciência porque o país será "arrumado", mas demorará. É essa apresentação dos pontos de vista presentes no enunciado, característica de uma cena teatral, ou ainda, máscaras que o locutor pode assumir, que consiste na polifonia. Ao fazer a descrição polifônica está se buscando o sentido do enunciado, sendo assim, os *encadeamentos argumentativos*⁷ dos enunciadores podem ser expressos da seguinte maneira:

E1 O companheiro está nervoso/impaciente DC precisa acalmar-se/ter paciência.

E2 O Brasil está ruim DC arrumar.

E3 O Brasil está ruim PT não estamos arrumando.

E4 Ter paciência PT não ver o Brasil arrumado.

E5 É brasileiro/eleitor DC é companheiro.

⁷ Apenas serão descritos os encadeamentos, utilizando-se, como já mencionado, dos conectores pilares da TBS, normativos (*donc*) e transgressivos (*pourtant*) não sendo formados blocos semânticos nem analisadas as AI e AE, uma vez que a intenção é demonstrar como a polifonia constitui o sentido argumentativo nos enunciados.

E6 Chamar de companheiro DC ser petista (ou pertencer ao Partido dos Trabalhadores).

Observa-se que o E4 apresenta um ponto de vista que é bastante pertinente aos brasileiros, no caso parece que a ele o SE identifica-se ao produzir a charge, sendo está a crítica implícita feita pelo chargista de maneira irônica. O ponto de vista absurdo é atribuído a um personagem determinado que se busca ridicularizar, ou, pode ser explicado ao saber que existe um enunciador absurdo que é identificado com o interlocutor.

A segunda charge é composta por dois políticos em diálogo:

Político 1: “O que o nobre colega vai fazer se não for reeleito?”

Político 2: “**Voltar a trabalhar, nobre colega, voltar a trabalhar.**”

São identificados os enunciadores da enunciação referente ao político 2, quais sejam:

E1 Não trabalhava quando estava eleito. (L) *identifica-se e assume.*

E2 Se for reeleito o político não vai trabalhar. (L) concorda.

E3 Se não for reeleito o político vai trabalhar. (L) assume.

E4 Político não trabalha. (L) concorda.

E5 Político trabalha. (L) *opõe-se.*

Tem-se o ponto de vista do enunciador *enquanto* ponto de vista da personagem o qual o locutor assume. O sentido que se constrói pelos enunciadores dá a imagem dos políticos, brasileiros pode-se dizer, como aqueles que não trabalham, ao que temos as imagens do Palácio do Planalto em Brasília, no qual segundo a mídia, poucos políticos estão presentes. O humor, nesse caso, está na ideia transgressiva, pois o normal seria que a pessoa que está empregada ou tem um cargo público precisa trabalhar e não é o que ocorre. O enunciado é humorístico e apresenta um absurdo dito por (L) e para o qual não se tem resposta, de que ele vai *voltar a trabalhar*, ao que se pressupõe que não trabalhava antes; ao que se pode notar como o pressuposto funciona como um enunciador polifônico.

Os encadeamentos evocados correspondentes aos enunciadores são:

E1, E2 e E4 Está eleito/é político DC não trabalha.

E3 Não é político DC trabalha.

E4 Voltar a trabalhar DC não ser eleito.

E5 É político PT trabalha.

Além dos aspectos normativos, podem ocorrer os aspectos transgressivos e no jogo polifônico deles que se constrói o sentido do enunciado, pois se não for reeleito, o político terá de trabalhar, então assumirá o encadeamento *é político PT trabalha*, que faz parte do bloco chamado doxal, sendo converso ao encadeamento *é político DC não trabalha*. Percebe-se que a polifonia se dá pelos enunciadores com diferentes pontos de vista que argumentam. O locutor assume o encadeamento *é político DC não trabalha*; com os outros enunciadores (E3, E4 e E5) L concorda ou opõe-se.

Como a ANL estuda as marcas da enunciação que se evidenciam no enunciado, o sentido depende dos encadeamentos argumentativos. Com relação à TBS, da qual foram utilizados os conectores normativos e transgressivos apenas para demonstrar o movimento argumentativo do enunciado, é importante mencionar que os encadeamentos argumentativos que formam os blocos semânticos *são a polifonia do discurso*. Poderiam ser utilizados os enunciadores para formar os blocos e demonstrar a polifonia através dessa que é a fase atual da ANL, uma teoria que segue sendo construída pelos seus principais teóricos, já mencionados acima. Optou-se aqui em apenas demonstrar a existência desses enunciadores como sendo o recorte do estudo da polifonia que se tem publicado até este ano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar, com a produção desse sucinto artigo, a pertinência da Teoria Polifônica da Enunciação como sendo uma possibilidade de estudo do sentido do discurso a partir da análise dos enunciadores que o locutor põe em cena. Pensar polifonicamente auxilia a compreender diferentes gêneros discursivos, nesse caso a charge, que por característica, apresenta ironia e humor, o que torna muitas vezes a compreensão complicada. A polifonia

permite demonstrar o movimento argumentativo do enunciado e que o sentido é construído pelo confronto dos diferentes enunciadores na medida em que o locutor relaciona-se com eles.

Depois de identificados nas charges os enunciadores e as posições tomadas pelos locutores com suas orientações argumentativas pode-se analisar como o sentido do enunciado é construído e quais as outras possibilidades de interpretação.

Percebe-se que a descrição é *propriamente linguística*, mantém a concepção instrucional da significação segundo a qual a frase coloca limites e restrições para construir as atitudes/possibilidades manifestadas em um enunciado, conforme o que postula a ANL em todas as suas fases. O sentido é construído de maneira polifônica, na medida em que determinados pontos de vista são assumidos ou não, havendo uma encenação dita teatral ou, pode-se metaforizar, havendo a utilização de uma ou outra máscara carnavalesca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación*. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

_____. *Esboço de uma teoria Polifônica da Enunciação*. In: *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *A pragmática e o estudo semântico da língua*. Letras de Hoje. Porto Alegre. v.40, n. 1, p. 9-21, 2005.

_____. Oswald. Enunciação. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. *Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação*. In: Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

ANEXO 1



ANEXO 2

